

ÉPOCA: Começo do século XX (anos 10)

TEMPO: Um dia, do amanhecer ao anoitecer

LOCAL: Uma rua de terra

CENÁRIO ÚNICO	PERSONAGENS
<i>Muro dos fundos de uma casa rica, com portão de madeira.</i>	ANGÉLICA , filha do dono da casa BRANCA , cozinheira RODOLFO , filho de Branca
<i>Frentes de duas casas geminadas.</i>	CIDINHA MARCOS , casal bem jovem, com um nenê
<i>A outra casa geminada tem uma placa: ALUGA-SE.</i>	D. GIOCONDA , viúva, e seus três filhos: GUARACY (não entra em cena) GESSY GILSON , um nenê
<i>Frente de outra casa.</i>	JOEL PAI DE JOEL BAKUNIN , o gato
<i>Cerca caindo do barraco de</i>	MESTRE DE CERIMÔNIA PATRÃO GREVE POLICIAL
	<i>E os ambulantes:</i> 1. PEIXEIRO 2. AMOLADOR DE FACAS 3. BAIANA DAS COCADAS 4. MENINO DOS BEIJUS 5. SALIM (MASCATE TURCO) 6. SIMÃO (JUDEU DA PRESTAÇÃO) 7. PORTUGUESA DOS ENXOVAIS 8. SORVETEIRO 9. HOMEM DO REALEJO

PRÓLOGO

Proscênio. MESTRE DE CERIMÔNIAS entra, meio palhaço meio apresentador, roupas do começo do século XX. Luz branca, forte.

MC – Senhoras e senhores, vou contar uma história. Era uma vez um homem. Este homem era dono de uma fábrica enorme, e todo mundo o chamava de PATRÃO.

Entra o PATRÃO, vestido de acordo.

MC – Este PATRÃO mandava em muitos operários que trabalhavam na sua fábrica fazendo tecidos.

Entram 3 atores, carregando panos coloridos e vão passando pela frente do PATRÃO, como se estivessem tecendo em máquinas. Os atores devem se revezar em sua passagem pelo palco, dando ideia de uma fila interminável de trabalhadores.

MC – O PATRÃO fiscalizava o trabalho e pagava os operários.

PATRÃO percorre a fila, olhando os panos e tirando dinheiro do bolso para pagar os operários.

MC – Aí, os operários começaram a reparar que, embora estivessem trabalhando cada vez mais, e o PATRÃO vendesse cada vez mais panos e ficasse cada vez mais rico, continuava pagando aos operários sempre a mesma coisa.

Os bolsos do PATRÃO transbordam de dinheiro, e ele tira uma moeda de cada vez, que dá para cada operário.

MC – Além disso, como estivesse vendendo mais, o Patrão queria que trabalhassem cada vez mais rápido.

O trabalho vai se acelerando.

MC – Os operários acabaram se cansando de tanto trabalho e de tão pouquinho dinheiro.

Operários vão trabalhando mais devagar.

MC – Aí o Patrão reclamava.

PATRÃO gesticula apressando operários.

MC – Foi então que os operários resolveram buscar ajuda. E aí apareceu a GREVE.

Entra a GREVE, e, à medida que vai passando pelos operários, estes param de trabalhar e olham para ela. Uma mulher bonita, vestida como a figura em primeiro plano do pôster famoso.

MC – Vendo que os operários não estavam mais trabalhando, o patrão ficou uma fera, e chamou a Greve.

PATRÃO – Posso saber o que a senhorita está fazendo aqui?

GREVE – Pois não. Eu vim para ajudar os seus operários.

PATRÃO – Veio trabalhar também? A senhorita é tecelã?

GREVE – Não senhor, eu trabalho com outro tipo de tecido. Quando os operários estão tecendo muito e recebendo pouco pelo seu trabalho, eles resolvem tecer as cabeças, e aí me chamam. Quando tudo mais não dá certo, eu venho e ajudo.

PATRÃO – Bonita ajuda, a sua. A senhorita ajuda a não trabalhar?

GREVE – Não senhor. Ajudo a trabalhar. Mas a trabalhar com as mãos e com a cabeça juntas. Se um homem trabalha só com as mãos, acaba esquecendo que tem cabeça, e virá animal. Bom é trabalhar com cabeça, tronco e membros, nessa ordem.

PATRÃO – E o que eu faço para a senhorita ir cantar, digo, trabalhar, noutra freguesia?

GREVE – Converse com eles, veja o que eles querem e o que o senhor quer. Combine um jeito dos dois lados terem um entendimento sobre quanto vale o trabalho. Quando isso acontece, minha estadia é curta.

PATRÃO – E se eu não quiser conversar com eles?

GREVE – Ah, então... *(Pega um banquinho, senta-se, tira um tricô do bolso e se aboleta)*

PATRÃO – Espere aí que eu te ensino, D. Intrometida... *(Tira um apito do bolso e chama um policial)* Prenda esta moça!

POLICIAL – Venha comigo, moça.

GREVE – Pois não, e só eu acabar um servicinho aqui.

POLICIAL – Agora! Já!

GREVE – Por que? O seu Patrão não anda tratando o senhor muito bem?

MC – Esta história pode ter dois fins. Um é rápido, quando o Patrão resolve conversar.

Breve atuação pelo Patrão e operários, de uma conversa, discussão e acordo, tudo sem palavras.

MC – Agora, se o Patrão resolve desconversar, e fizer o guarda prender mesmo a Greve, aí então, ninguém sabe quando, nem como, acaba.

Grande confusão no palco.

MC – Peraí, gente, peraí, vamos parar, e só uma história, e uma história do que acontece desse lado, do lado de cá. (*Lentamente, o cenário começa a mudar*) Esta é a história da Rua Calçada. Nós vamos contar agora é outra história, que fica pra... pra dessa vez mesmo, e é o que acontece na Rua de Terra, longe da Rua Calçada. Na Rua de Terra moram os filhos. E os filhos, gente, os filhos dos operários, os filhos dos patrões, enfim, qualquer filho.

*Entra música instrumental: **Fils de, de Jacques Brel.***

MC – Os filhos são crianças, e as crianças, suas, minhas, de qualquer um, são todas iguais.

Completa-se o cenário da Rua de Terra. A música explode e se funde com o pregão do PEIXEIRO, e começa a peça.

CENA I

Amanhece. Palco clareia lentamente. CIDINHA e MARCOS aparecem a porta de sua casa e se despedem. Sirene de fábrica, bem distante. Marcos carrega uma marmita. Tudo ao som do pregão do

PEIXEIRO – Peixeiro!

Olha a sardinha viva

Peixeiro!

Esta é a minha vida

Vento alto, maresia

Pra panela da titia.

Entra e repete o pregão. Entram BRANCA e GIOCONDA. Sem palavras, BRANCA escolhe o maior peixe, GIOCONDA regateia e acaba escolhendo outro, bem pequeno. O PEIXEIRO oferece a CIDINHA, ela fica sem graça. Seu nenê chora dentro da casa, ela sai de cena. BRANCA e GIOCONDA, sem se olharem,

saem de cena. PEIXEIRO recomeça o pregão e sai. No palco vazio, um barulho de panela caindo. GIOCONDA entra gritando.

GIOCONDA – Seu Joel, ei seu Joel, venha ver o que o seu gato fez!

JOEL – (*Aparecendo no portão de sua casa*) Meu pai já saiu, D. Gioconda.

GIOCONDA – Saiu pra onde?

JOEL – Foi trabalhar, ué. Saiu mais cedo pra ir buscar o milho na granja.

GIOCONDA – E ele vai vender pipoca pra quem? Posso saber?

JOEL – Na porta da fábrica, ué.

GIOCONDA – Mas esse seu pai gosta de um frege! Então ele não sabe que hoje vai ter greve geral? O meu Guaracy, que trabalha no jornal, disse que hoje ninguém entra na fábrica.

JOEL – Melhor pra ele, ué. Se ninguém entra, ele vende mais, fica todo mundo lá fora...

GIOCONDA – Não sei não. Esse seu pai gosta de um frege... (*Subitamente lembra-se da sua raiva*). Pois se ele queria frege, podia ter ficado por aqui mesmo. O danado do teu gato roubou o meu peixe, quebrou minha louça e me amassou todas caçarola!

JOEL – Não foi o Bakunin, D. Gioconda. Ele é um gato muito educado.

GIOCONDA – E então eu não conheço aquele diabo preto? Foi ele, sim, e teu pai vai me pagar os prejuízo.

JOEL – Não vai não, D. Gioconda. Meu pai acha que a gente tem de dividir tudo, com todo mundo. Lucro e prejuízo.

GIOCONDA – É bom teu pai tomar cuidado com essas ideias dele. O meu Guaracy já falou que todo mundo lá no jornal sabe o nome do seu pai e os discursos que ele anda fazendo. O peixe morre pela boca, menino. (*Lembrando*) Meu peixe!

JOEL – Gozado, a D. Branca falou assim mesmo da senhora, outro dia...

GIOCONDA – O que? Aquela uma andou falando de mim? Tem gente que não se enxerga... E você, moleque, tome cuidado com a língua também. Olha que te deixo sem almoço.

JOEL – Tô pouco ligando. Meu pai vai voltar cedo, almoço com ele...

GIOCONDA – Mal-agradecido, eu te ensino. (*Sai*)

Entra RODOLFO e GESSY, com GILSON no colo.

RODOLFO – Oi, Joel. Vamos comigo comprar pão?

JOEL – Vamos. Eu preciso mesmo procurar o Bakunin.

GESSY – Não. (*Entrega GILSON para JOEL*) Você fica aqui e olha o Gilson pra mim. Eu vou com você Rodolfo, preciso que você me dê um recado pra Angélica.

JOEL - Ué, por que não fala aqui mesmo?

GESSY - Minha mãe não pode me ver com o Rodolfo, bobo. Ele e má companhia. Vamos, Rodolfo?

Os dois saem, JOEL fica com o nenê.

CENA II

Gaitinha do AMOLADOR DE FACAS. GILSON se assusta e começa a chorar. Entram O AMOLADOR, BRANCA e CIDINHA. BRANCA traz uma panela sem cabo e algumas facas, que coloca no chão. O AMOLADOR se instala.

AMOLADOR – Como é que é, D. Branca? O patrão tá muito nervoso? Eu passei lá pela fábrica, e parece que ninguém tá entrando.

CIDINHA – E o senhor viu o Marcos lá?

AMOLADOR – Não vi não senhora. Não vi nem o pipoqueiro da casa ali do lado (*Aponta*) Parece que tem um povo se organizando lá nos filodramáticos.

BRANCA – Isso é que deixa meu patrão nervoso, falar desses filodramáticos. Ele disse que o teatro dessa gente só serve para fazer anarquia.

CIDINHA – O Marcos também não gosta nem de ouvir falar desses grupos.

JOEL vai se aproximando, tentando ouvir a conversa, e de repente pisa numa das facas, já afiadas pelo AMOLADOR, que BRANCA, pôs no chão.

JOEL – Ai, meu dedão!

Na aflição, deixa GILSON cair. Cidinha corre para o nenê, que grita loucamente. BRANCA acode JOEL. O AMOLADOR continua trabalhando, imperturbável, GIOCONDA irrompe, furibunda.

GIOCONDA – Mas o que foi? Meu Gilson, o que aconteceu?

CIDINHA – Ele caiu do colo do Joel, D. Gioconda. Mas não aconteceu nada. Graças a Deus o Joel é baixinho, foi só o susto. (*O nenê de CIDINHA começa a chorar dentro de casa.*) Ai, deixa eu ir ver o meu. Toma, D. Gioconda. (*Dá GILSON para GIOCONDA*)

GIOCONDA – (*Para JOEL*) Delinquente, assassino, você quer matar meu filho? Eu mato seu gato, schifoso! Olha como ele grita, o meu poveretto!

BRANCA – (*Muito calma*) Ele está gritando porque a senhora está assustando ele com essa gritaria, D. Gioconda. Deixa o Joel. Não vê que ele está machucado?

GIOCONDA – E você ainda protege esse celerado, sua... sua... civetta! Vem, bello, que eu vou te dar água com açúcar.

O AMOLADOR, que tinha continuado com o seu barulho, acaba o serviço. GIOCONDA aproveita o súbito silêncio.

GIOCONDA – Não sei onde eu estava com a cabeça quando vim morar nesse cortiço. Maledetti, tutti quanti! (*Sai*)

Sai GIOCONDA e o AMOLADOR.

BRANCA – (*Pega as panelas*) Que mulherzinha escandalosa! Espere aí Joel, que eu venho te fazer um curativo. (*Sai*)

Entram GESSY e RODOLFO.

GESSY – Joel, cadê meu irmão?

JOEL – Ué, sua mãe levou ele pra dentro. Ele caiu...

GESSY – Caiu? Joel, você não presta pra nada mesmo. Agora minha mãe me mata.

RODOLFO – Mas a gente não pode deixar o Joel tomando conta de nada mesmo. Lembra daquela pipa que ele enrolou tudo nas arvores do campinho?

JOEL – Gente, mas eu machuquei meu pé, olhem só...

Os dois começam a se interessar.

VOZ DE GIOCONDA – GESSY!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

GESSY – Não disse que ela ia me matar? Entra, Rodolfo, pra ela não te ver. Joel, se eu apanhar, você me paga!

Saem RODOLFO e GESSY.

CENA III

JOEL examina o ferimento. Por trás dele, do portão da casa rica, entra ANGÉLICA. Ela se aproxima de JOEL, sem ser notada.

ANGÉLICA – Deixa eu ver o dedo, Joel?

Grande susto. JOEL fica absolutamente sem graça. Olha apatetado para ANGÉLICA.

JOEL – Qual dedo?

ANGÉLICA – O que você machucou. A Branca disse que tava saindo sangue.

JOEL – Ah, esse? Não foi nada... Nem tá mais doendo. (*Tenta esconder o pé*)

ANGÉLICA – Mas eu quero ver assim mesmo. (*Chega perto de JOEL, que foge*)

JOEL – Meu pé tá tão sujo...

ANGÉLICA – (*Examinando o dedo*) Isso é que dá andar descalço. Ei, o corte é fundo. E você nem chorou? Que corajoso!

JOEL – (*Hirto*) É porque quase não doeu, ué. (*Criando coragem*) Foi assim, ó, eu tava com o Gilson no colo, né, então...

Vai contando e encenando o acidente, nervoso, e tão realisticamente que acaba tropeçando e batendo o mesmo dedo no chão. Sente dor, mas não dá o braço a torcer e tenta não chorar.

ANGÉLICA – Ih, Joel, começou a sangrar outra vez!

Pega um lençinho bordado do bolso e limpa o pé de JOEL. Ele fica encantado. Entra BRANCA com um vidrinho de mercurocromo e algodão.

BRANCA – Deixa eu ver isso. Joel, mas que pé mais sujo. Você vai ter de lavar isso!

ANGÉLICA – Vamos lá pra casa, Branca, você faz o curativo na cozinha.

As duas amparam JOEL, que entra, pisando em nuvens.

CENA IV

GESSY e RODOLFO saem da casa abandonada, com ares de mistério.

GESSY – Viu como eu não tenho medo de morcego?

RODOLFO – Você fala isso porque não apareceu nenhum, queria ver se aparecesse. Mas que fedor naquela casa, hein, Gessy?

GESSY – É a porcaria do gato do Joel. Ele faz cocô lá dentro. (*Os dois riem da palavra*) Mas eu não tenho medo de morcego, não. Outro dia tinha um lá no jardim da Angélica. Ela fugiu, mas eu fiquei firmona.

RODOLFO – Duvido-de-o-dó e faço pouco-c-ó-có.

GESSY – Ah, duvida, é? Duvida? Pois você vai ver. Angélica! Angélica!

À menção de ANGÉLICA, RODOLFO tenta ajeitar a roupa.

ANGÉLICA – (*Entrando pelo portão de sua casa*) O que foi? Eu preciso entrar logo.

GESSY – Ué, por quê?

ANGÉLICA – Porque eu almoço mais cedo hoje. É dia de aula de piano, e o professor logo vem.

RODOLFO – Não vem não. Hoje é dia de greve. Não teve aula nem na escola...

ANGÉLICA – A greve é só na fábrica, seu bobo. A escola só fechou pro caso de ter perigo pras crianças. Depois, o Joel tá lá em casa e...

GESSY – (*Surpresa*) O Joel?

RODOLFO – (*Idem*) E o que ele tá fazendo lá em casa?

ANGÉLICA – Sua mãe tá cuidando do pé dele e convidou ele pra almoçar com a gente.

GESSY – (*Madona*) Mas ele não pode.

ANGÉLICA – Não pode por que? O pai dele não tá em casa e ele não precisa pedir pra ninguém.

GESSY – Precisa, sim. Ele sempre almoça lá em casa, e pra almoçar fora ele tem de pedir pra minha mãe, que é ponresável por ele.

RODOLFO – Pon o que, Gessy?

GESSY – Pon-re-sá-vel, sua besta, quer dizer: ela que toma conta dele. Ele não pode dar um passo sem pedir pra ela, e se ela resolver que é não, então é não.

ANGÉLICA – Responsável.

GESSY – Ponrensável.

Continuam a repetir as mesmas palavras até entrar a BAIANA DAS COCADAS, com seu tabuleiro.

CENA V

BAIANA – (*Cantando*)
Olha o vento no coqueiro
Vai moleque apanhá o coco
Pra fazer um agradinho
Pro meu bem que tá no tronco
Tem da branca pras menina
Da queimada pros rapaiz
Tem da grossa, tem da fina
E da de fita, ai meus ais

Compra cocada, sinhá
Que essa nêga tem mão doce
E cozinha pra enganá
A sina que aqui me trouxe.

ANGÉLICA – Ai, eu adoro cocada. (*Põe a mão no bolso*) Vocês querem?

RODOLFO – Da preta.

GESSY – Das duas.

ANGÉLICA – Gessy, só se for responsável.

GESSY – Que?

ANGÉLICA – Fala responsável, senão não ganha cocada.

GESSY – (*Sofre*) Responsável. Me dá. (*Pega as cocadas*) Pon-re-sá-vel, pon-re-sá-vel, pon-re-sá-vel... (*Continua a cantilena*)

Entra CIDINHA. ANGÉLICA compra cocada para ela e para o nenê, no colo de CIDINHA.

CIDINHA – *(Para a BAIANA)* A senhora passou pela fábrica?

BAIANA – Dei a volta. Oxente, aquilo tá que é assim de gente.

ANGÉLICA e RODOLFO terminam de comer e saem.

GESSY – Angélica, me faça um favor: diz pro Joel vir almoçar.

CIDINHA – *(Para a BAIANA)* Mas tão entrando? Tão trabalhando?

BAIANA – Tão não senhora. Tão só conversando e não deixando os trabalhado entrar. Tao tudo lendo uns papeis que distribuíram, mas diz que assim que a puliça chegá é pra escondê tudo na carrocinha do pipoqueiro.

CIDINHA – E o que tá escrito nos papeis?

BAIANA – Sei não senhora, que eu não sei ler. Mas é cada letrona graúda que parece anúncio de comiço em dia de eleição.

CIDINHA – A senhora viu se tinha gente querendo furar a greve?

BAIANA – Eu não cheguei nem perto do portão, mas diz que quem quer entrar apanha. Leva uma sova.

CIDINHA – Ai, meu Deus...

BAIANA – Bom, deixa eu passar na outra rua. Essa daqui vende muito pouco, só a mocinha dali mesmo que compra. Não se aperreie não, dona, que Deus é grande. No fim, tudo acaba bem. *(Sai)*

Entra JOEL, mancando, e, pelo outro lado, D. GIOCONDA.

GIOCONDA – O que? Me comendo cocada antes do almoço? Benedetta baiana que sempre me passa nessa hora. E a senhora, Dona Cidinha, muito me admira, dando esses mal exemplo pras criança.

CIDINHA, preocupada, nem presta atenção e entra em casa. GIOCONDA arranca a segunda cocada da mão de GESSY e guarda no bolso do avental.

GIOCONDA – *(Para JOEL)* E o senhor, seu esganado, que engoliu a sua correndo, pode ficar por aí mesmo.

JOEL – Ué, mas eu nem...

GIOCONDA – Quem come uma cocadona dessas inteira não precisa de almoço. *(Sai)*

JOEL fica só. Olha para o portão de ANGÉLICA e para a casa de GIOCONDA. Tudo fechado. Suspira, encolhe os ombros e sai gritando.

JOEL – Bakunin, Bakunin, cadê você...

CENA VI

Muda a luz. Do sol brilhante do meio-dia para um começo de tarde. JOEL sai de sua casa e senta na soleira do portão. Entra o MENINO DOS BEIJUS, com sua lata de roleta em cima e sua matraca.

MENINO DOS BEIJUS – (*Cantando*) Chora, menino
Que a mamãe compra
Beiju fresquinho
É torrãozinho
É lá da roça
É de mandioca
Quem é que não gosta
Da água na boca
Compra pros velho
Compra pras moça
Chora menino
Que a mamãe compra

(do folclore mineiro, recolhido por Mário de Andrade)

MENINO – E aí moleque, vai querer?

JOEL – Não tenho dinheiro.

Tempo, os dois se olham.

MENINO – Tem bola de gude?

JOEL – Só duas.

MENINO – Deixa eu ver. Se eu gostar, deixo você tentar a sorte.

JOEL se anima, mostra as bolinhas que tira do bolso e MENINO as aprecia, criticamente.

MENINO – Tá bem. Uma rodada. (*Vai pondo as bolinhas no seu bolso*)

JOEL – Peraí. Essas bolinhas valem, pelo menos, três rodadas.

MENINO – Duas.

JOEL – Tá bom. (*Começa a rodar*) Ôba, três beijus! Vai contando aí. (*Roda outra vez*) Dobra! Mais três! Pronto, me dê seis beijus. Ganhei!

MENINO – Vamos mais uma vez? Tudo ou nada?

JOEL – Como, tudo ou nada?

MENINO – Se você ganhar, fica com seis beijus e as bolinhas. Se perder, fica sem nada.

JOEL hesita, mas olha as bolinhas na mão do MENINO e se decide.

JOEL – Vamos lá. (*Roda, nervoso. Perde*) Não! Eu não devia ter arriscado. Hoje não é o meu dia mesmo. Tô com um azar danado. Machuquei o pé, fiquei sem almoço, meu gato sumiu... e agora tô sem minhas bolinhas.

MENINO – Ei, tem um gato atropelado na linha do bonde, lá na avenidinha!

JOEL – Ai, não! Jura? Eu vou lá ver. (*Sai correndo*)

O MENINO DOS BEIJUS espera ele sumir, pega uma pedra do chão e quebra um vidro da casa com a placa de aluguel. Depois, assobiando o seu pregão, pega a lata de beijus e vai embora.

CENA VII

Entra Seu SALIM, o mascate turco, com sua mala. GESSY vem pelo outro lado, vinda de sua casa.

SALIM – (*Cantando*) Meias, lenços, gravatas,
 Descascador de batatas,
 Voltas de ouro, sapatas,
 Perfume, tudo baratas.
 Ninguém faz negócio bom
 Quenem o turco mascatas.

GESSY – Boa tarde, seu Salim. Trouxe a badeteira que minha mãe encomendou?

SALIM – Trouxe, sim, menina. Artiga muito fino, importado. (*Tira da mala uma batedeira de ovos, com manivela, e entrega a GESSY*) Quatrocentos e setenta reis, pergunta pra mamãe se vai na conta.

GESSY sai com a batedeira. Entra Seu SIMÃO, o judeu da prestação.

SIMÃO – Enganando muita gente, seu Salim?

SALIM reclama. SIMÃO não espera resposta e bate na porta de CIDINHA. Ela atende.

SIMÃO – Boa tarde, senhora Aparecida, vim buscar o dinheiro da prestação.

CIDINHA – Ai seu Simão, dá pro senhor voltar outro dia? O Marcos ainda não recebeu, o senhor sabe, fim de mês...

SIMÃO – Não dá pra voltar mais, não senhora. Ou paga hoje, ou eu levo a cama.

CIDINHA – Não seu Simão... que é isso? Eu vou pagar. Só que tá difícil. Meu marido tava desempregado e só agora...

Volta GESSY com a batedeira.

GESSY – Minha mãe mandou falar assim que essa batedeira é importada só se for da sua terra. E que além de não ser importada, é artigo muito do vagabundo, e que ela não dá mais de cem reis.

SALIM – Diga para sua mamãe que ela deve estar brincando. Menos de quatrocentos e cinquenta eu não vendo. Paguei mais do que isso.

GESSY sai, levando a batedeira. SALIM presta atenção em SIMÃO, que discute com CIDINHA.

SIMÃO – Senhora Aparecida, eu vou entrar e pegar a minha cama.

CIDINHA se põe na frente da porta.

CIDINHA – O senhor não vai entrar na minha casa.

SIMÃO – Não é sua casa, senhora. É minha. Já faço muito em aguentar o atraso do aluguel. A senhora pensa que eu vivo de caridade?

CIDINHA – Quando o senhor vendeu, o senhor falou que esperava até a gente poder pagar.

SIMÃO – Sim, mas já passou muito tempo. Seu marido está trabalhando e pode me pagar.

CIDINHA – Ele ainda não recebeu, seu Simão... (*SIMÃO vai entrando na casa, CIDINHA o segue*) E agora, com essa história de greve, seu Simão. Seja compreensivo.

Os dois entram na casa, e são vistos discutindo através da janela. Volta Gessy.

GESSY – Seu Salim, minha mãe mandou falar assim que é pro senhor abrir o olho, porque meu irmão Guaracy, que trabalha no jornal, disse que a polícia vai pegar todos esses estrangeiros que roubam os brasileiros cobrando caro por merdadoria de segunda, botar num navio e mandar tudo de volta pra Turquia. Duzentos réis.

SALIM – Diga pra sua mamãe que é quatrocentos. E pra ela criar coragem e vir discutir aqui fora em vez de me fazer discutir com criança que só fala bobagem. (*CESSY sai, pisando duro*) E diga pra tua mãe que ela também não é brasileira, é italiana. No mesmo navio, vão mandar todos os carcamanos de volta.

Entra MARCOS, roupas rasgadas, mancando, o olho preto. CIDINHA o vê da janela.

CIDINHA – Marcos, esse judeu veio buscar a nossa cama! (*Repara nele e sai pela porta*) Meu Deus, Marcos, o que fizeram com você?

MARCOS – O pessoal lá do piquete. Eu quis entrar na fábrica na marra, aí eles partiram pra cima de mim. Só pararam porque a polícia ia chegando, aí eu fugi.

CIDINHA – Mas eles quase te mataram...

MARCOS – Não, não... Eu também quebrei a cara de uns três... (*Vê SIMÃO, que vai saindo de sua casa com a cabeceira da cama na mão*) Volta já com isso lá pra dentro!

SIMÃO – Eu não volto. Além de caloteiro, o senhor é um fura-greve.

Coloca a cabeceira na rua e entra de novo. MARCOS pega a cabeceira e vai entrando.

SALIM – Isso, seu Marcos, deita e descansa um pouco.

Entra GESSY.

GESSY – Minha mãe mandou falar assim que vem aqui fora se o senhor for lá dentro dar de mamar pro Gilson, que ela não é de fugir de briga. E que ela dá duzentos e cinquenta na badeteira e pronto. Se não o senhor pode pegar ela e...

MARCOS e SIMÃO se cruzam na porta, cada um com um pedaço da cama e ficam entalados. O nenê começa a chorar lá dentro e CIDINHA corre para a porta.

CIDINHA – Saíam já daí. Os dois... Meu filho tá chorando lá dentro!

Eles tentam se desentalar, mas nenhum desiste de sua presa. CIDINHA, pula por cima deles. GESSY ficou distraída, olhando a briga.

SALIM – Trezentos e cinquenta.

GESSY desperta e volta para sua casa. SIMÃO consegue tirar os pés da cama da casa, MARCOS entra com a cabeceira, tranca a porta e sai na janela.

MARCOS – Agora só entra aqui com ordem da polícia, judeu sem-vergonha!

SIMÃO – Pois eu só devolvo o resto da cama quando me pagarem a prestação. Já faço muito deixando vocês morarem de graça. O senhor vê, seu Salim? Fura a greve e ainda reclama porque não ganha as coisas de graça. Esse moço não sabe lutar. E eu tenho de viver disso, com a outra casa desalugada... Ei, o que é aquilo lá? (*Vê o vidro quebrado. Agarra GESSY que vai entrando*) Ei menina, você viu quem quebrou a minha vidraça?

GESSY – Não vi não senhor. Eu não fui, eu tava lá dentro. Seu Salim, minha mãe mandou falar assim que é trezentos e pronto. Nem mais uma lapavra. (*Vai saindo com a batedeira*)

SALIM – Tá bem, tá bem... O que é que eu vou fazer? Trezentos. Vou ter que sair no domingo pra cobrir o prejuízo. Que é que eu vou fazer... Diz pra sua mamãe que é trezentos. (*GESSY sai e SALIM se vira para SIMÃO*) Seu Simão, não vou garantir nada, mas quem tem estilingue na rua é o moleque dali. (*Aponta a casa de JOEL*) que é filho daquele pipoqueiro agitador.

SIMÃO – Não dá pra garantir, a rua tá cheia de moleques. Mas eu vou voltar mais tarde e falo com ele. Seu Salim, o pipoqueiro não é agitador. É anarquista.

SALIM – É tudo a mesma coisa, uns baderneiros. (*Grita*) Ei, D. Gioconda, e o meu dinheiro?

GIOCONDA – (*Voz*) Bota na conta!

Saem todos.

CENA VIII

Entra a PORTUGUESA DOS ENXOVAIS, com sua sacola de artigos da Ilha da Madeira. Canta enquanto espera os fregueses. Durante a canção, entram BRANCA, GIOCONDA, ANGÉLICA e CIDINHA.

PORTUGUESA – As raparigas de tranças
Das aldeias d'além-mar
Põem-se faceiras a janela
E se quedam a bordar

E palram, põem-se a sonhar
Secam o caldo a tigela
As mãos voam, a dançar
Elas bordam esperanças

De ao florescer o alecrim
Encontrar um bom marido
Meninas de cá e de lá
Sonham muito parecido

GIOCONDA – Arre que me dormiu aquele menino. Não quero nada, não, só vim dar um dedinho de prosa. Cidinha de Deus, o que aconteceu com o Marcos?

CIDINHA – Não quero nem falar, D. Gioconda. O Marcos não tá bom.

PORTUGUESA – Problemas com o marido, filhinha? Veja! (*Desdobra uma linda colcha bordada*) Enfeite sua cama com isso, traz sorte!

CIDINHA olha a colcha e cai no choro. GIOCONDA tenta consolar, mas ela abraça BRANCA e entra em casa.

PORTUGUESA – Mas o que é que a menina tem?

BRANCA – O homem da prestação levou a cama dela embora, coitadinha!

PORTUGUESA – Ai que às vezes não tenho papas na língua, pobre rapariga. Mas trouxe suas encomendas, menina Angélica. (*Desdobra camisolas*) Vejam que riqueza!

BRANCA – Angélica, cada coisa linda! Pena sua mãe não estar aí pra ajudar a escolher.

ANGÉLICA – Mas a mamãe falou que você tem muito bom gosto, Branca, e que ela confia em você pra me ajudar a escolher.

GIOCONDA – (*para PORTUGUESA*) Tem mãe que não sabe o que faz. Tem só essa menina, e olhe só em quem ela confia... Se bem que, de roupa de baixo, a Branca deve entender muito. Vai comprar só pro enxoval da Angélica ou pro seu também, Branca?

BRANCA – Que é isso, D. Gioconda. Eu já passei da idade de casar...

GIOCONDA – É isso que dá, menina, se meter com gente que é mais do que você. Passou da idade de casar e tá aí, com um filho grande.

BRANCA – D. Gioconda, faça o favor de não se meter na minha vida.

GIOCONDA – Olha só, se pondo ares de madame!

PORTUGUESA – Mas o que é isso? Vão brigar agora?

ANGÉLICA – Branca, acho que vou ficar com essas duas. O que você acha?

GIOCONDA – Não vá por ela Angélica. Não é pra se misturar com essa...

BRANCA – Essa o que, D. Gioconda? Essa o que?

GIOCONDA – Essa PUTA. (*Sai, pisando duro*)

PORTUGUESA – (*Arrumando sua trouxa rapidamente, embaraçada.*) Menina, eu vou deixar as camisolas aqui e você escolhe depois, está bem? Preciso ir depressa, porque nem sei se os bondes estão correndo. A polícia cercou a fábrica e está tudo muito confuso. Até mais ver. (*Sai apressada*)

BRANCA – (*Tentando não chorar*) Até mais ver, senhora. Vamos para dentro, Angélica?

ANGÉLICA – Já vou. Branca, por favor, leve essas coisas e deixe no meu quarto. Obrigada.

Branca pega as camisolas e sai.

CENA IX

Entra JOEL.

ANGÉLICA – Você sumiu, Joel.

JOEL – Fui até a avenidinha, soube que tinha um gato atropelado no trilho do bonde, ai...

ANGÉLICA – Era o Bakunin?

JOEL – Não, ainda bem, Angélica. Era um gato malhado, não preto que nem o Bakunin... Porque você tá com essa cara engraçada?

ANGÉLICA – Joel, você sabe bastante palavrão?

JOEL – Ué... Bem alguns, por que?

ANGÉLICA – Puta, você conhece?

JOEL paralisa, entram GESSY e RODOLFO a tempo de ouvir, paralisam também. Silêncio total.

JOEL – (*Tomando fôlego*) Angélica, como é que você...

GESSY – Angélica, passa sabão na boca!

RODOLFO – Minha mãe santíssima!

ANGÉLICA – É que a sua mãe, Gessy, chamou a sua mãe, Rodolfo, de... disso. E a Branca chorou, e eu queria saber se é muito feio, e o que quer dizer.

RODOLFO – (Sério) Gessy, eu vou te matar.

Agarra GESSY pelo pescoço. JOEL separa os dois.

GESSY – (Aproveitando que RODOLFO está seguro por JOEL) Não sei por que, todo mundo sabe que você é filho da...

JOEL tapa-lhe a boca.

JOEL – Não gente, não façam isso! Vocês vão brigar por causa de uma palavrinha de nada?

RODOLFO – Minha mãe não, viu, Joel? Você fala que é palavrinha porque não tem mãe. Pra mim é palavrão, o pior de todos. E ninguém xinga a minha mãe e sai inteiro. (Quer partir para cima de GESSY, mas está preso)

ANGÉLICA – Rodolfo, desculpa. Se eu soubesse não tinha contado. Mas você sabe que se a D. Gioconda xingou foi porque ela é esquentada. Sua mãe não pode ser nada de ruim...

RODOLFO – Não é não. Todo mundo fala isso porque eu não tenho pai. (Chora)

GESSY – (Comovendo-se) Mas eu também não tenho, bobo. Meu pai também morreu.

JOEL – E a minha mãe também. E ninguém aqui é filho da puta, opa... desculpem, mas ninguém é por causa disso, a não ser que seja só o pai... E o meu pai, hein, gente? Cadê o meu pai?

CENA X

Sininho do sorveteiro, que entra com sua carroça puxada a cavalo.

SORVETEIRO – (Cantando) Você vem do Polo Norte
Sorvete iaiá
É de abacaxi

Eu sou quente, quente, quente
De marré de si.
O frio da sua terra
Não se sente aqui...

("Sorvete, laiá", de Nássara e Alberto Ribeiro, 1935)

GESSY – O senhor veio muito de tarde, já não tá nem calor. Se eu tomo sorvete no senero minha mãe me mata.

ANGÉLICA – Se-re-no!

SORVETEIRO – É, hoje eu atrasei. Calor, sabe como é, todo mundo quer sorvete. Cadê seu pai, Joel?

Enquanto ele fala, entram BRANCA, CIDINHA, com seu nenê no colo, e GIOCONDA. BRANCA e GIOCONDA se olham, hostis, mas se interessam pelo que diz o SORVETEIRO.

JOEL – Meu pai saiu cedinho. Não voltou até agora. Nem meu gato.

SORVETEIRO – *(Com cuidado)* Olha Joel, é capaz que ele não volte hoje. A polícia prendeu um monte de gente lá na fábrica, e alguém falou que os panfletos da greve estavam no carrinho do seu pai. *(Para os adultos)* Acho que ele sai logo, não sei... Mas se não tem ninguém pra tomar conta do menino, eu levo ele pra minha casa.

BRANCA – Eu tenho certeza que o meu patrão não vai se incomodar se ele for dormir no nosso quarto, com o Rodolfo.

GIOCONDA – Não senhora. Sou eu que sempre tomo conta dele, ora mai... Minha casa é pobre, mas na hora do aperto cabe mais um. Depois, o meu Guaracy, que trabalha no jornal, pode ter mais notícias, da delegacia...

RODOLFO – O pai da Angelica é dono da fábrica. Ele é que sabe mais.

GESSY – Não sabe mais do que o meu irmão não. O Joel vai lá pra casa. Venha, Joel.

CIDINHA – Olha, pode ficar lá em casa também viu? O Marcos pode ser marrudo, mas não é ruim, não... Se você não liga de ficar no chão, Joel....

SORVETEIRO – Bom, parece então que lugar não falta. E você, menino?

Tempo.

JOEL – Eu vou ficar na minha casa, esperando meu pai.

Protestos.

JOEL – Eu faço assim, ó: se ele não chegar até bem de noitão, eu... eu bato no seu portão, Angélica.

Ainda sob protestos gerais, os outros vão saindo. Ficam só JOEL e ANGÉLICA.

ANGÉLICA – Eu... eu acho você muito corajoso, Joel. Quer que eu espere junto com você?

JOEL – Agora não. Depois, sabe, Angélica, pode ser que o Bakunin volte. E se ele ver a casa fechada, né...

Vai em direção ao seu portão e senta-se na soleira. ANGÉLICA sai lentamente, olhando para trás, até entrar em casa. Começa a escurecer.

CENA XI

JOEL sentado no portão. O céu fica vermelho de crepúsculo. Apenas silhuetado. Passa o HOMEM DO REALEJO, tocando sua valsinha. Ele passa devagar, não para, e a valsa vai ficando mais distante, até desaparecer. Pelo fim da valsa, anoiteceu completamente. Não há lua. Apenas algumas estrelas no céu. Em surdina, só instrumentado como no prólogo, "Fils de", de Jacques Brel. Pelo lado do palco oposto a casa de JOEL, começa a entrar uma luz. É a carrocinha do PAI DE JOEL, iluminada apenas por um lampião a gás, que é a única luz em cena além das estrelas. Empurrando a carrocinha, aparece, por fim, o PAI. E silhuetado, sentado sobre a carrocinha, BAKUNIN, o gato. A música cresce. JOEL se levanta. O PAI deixa a carrocinha no meio do palco e para.

JOEL – Ô pai... tô com uma fome!

VOZ OFF – (Cantando) Filhos de burguês
Ou de plebeu
Todo menino é como o seu
Filho de Cesar
Ou de ninguém
Todo menino é seu também
A mesma graça
Choro não raro
Noites em claro
A mesma pirraça
Filho de Cesar
Ou de ninguém

Todo menino é seu também.
Isso é depois
Muito depois.
Filho de sultão
Ou do faquir
Todo menino
É um grão-vizir
Sob cristais
Ou ao relento
Todo menino é um rei por dentro
Uma flor ao vento
Tão parecido
A onda que quebra
Pássaro caído
Filho do sultão
Ou do faquir
Todo menino e um grão-vizir
Isso é depois
Muito depois
Mas, filho de seu filho
Ou estrangeiro
Todo menino é um feiticeiro
Filho do amor
Ou do bordel
Todo menino é um menestrel
Eles são pastores
E são reis magos
Voam nas nuvens
Por sobre lagos
Filho de seu filho
Ou estrangeiro
Todo menino é um feiticeiro

Volta para... "Isso é depois...", até o fim.

FIM

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem deste texto, seja profissional ou amadora, requer a autorização do autor, da família ou da entidade detentora dos direitos autorais.

Contato dos Autores:

Cláudia Dalla Verde: cdallaverde@gmail.com

Zeca Capellini: zecapellini@gmail.com

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br